

A PRESENÇA DA ASTROLOGIA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Ana Cristina Vidal de Castro Ortiz¹

Resumo:

Autores como Edgar Morin, Malena Contrera e Claude Fischler fornecem elementos que permitem compreender a presença da Astrologia na mídia. Com a ajuda de Norval Baitello Júnior pode-se notar que o horóscopo reduz e simplifica a Astrologia, apesar de divulgá-la. Verifica-se que o horóscopo tem uma qualidade de repetição que cria o hábito do acompanhamento diário, ligando diretamente a Astrologia ao fluxo da imprensa e das mídias. A partir de autores como Arlindo Machado, Pierre Bourdieu e Manuel Castells é possível problematizar a relação do conteúdo astrológico e a natureza dos meios de comunicação, especialmente televisão e internet.

Palavras-chave: Comunicação. Astrologia. Mídia. Narrativas. Horóscopo.

Astrologia e mídia: origens

Desde a Antiguidade o homem olha para o céu e percebe a relação dos movimentos celestes com os acontecimentos terrestres. Com essa constante observação, nossos antepassados descobriram relações entre os ciclos celestes e terrestres. As próprias estações do ano guardam uma relação íntima com o ciclo do Sol e originaram os doze signos.

Edgar Morin (2008: p. 9) lembra que as antigas “sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica” e que “seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares”. Além disso, “os astros desempenhavam um papel central na maior parte das civilizações...A ordem cósmica era ao mesmo tempo modelo e garantia de ordem social” (PETROSSIAN, 1972, p. 15).

A Astrologia e a Astronomia nasceram juntas, já que a preocupação em calcular astronomicamente os ciclos celestes tinha, para os antigos, uma motivação astrológica, pois queriam compreender os ciclos e fazer previsões a partir do movimento celeste. Os ciclos, alias, foram importantes em toda a concepção de nossa

¹ Mestre em Comunicação. Faculdade Cásper Líbero. Email: titividal@gmail.com.

sociedade. “A roda do Sol, o círculo do tempo, coloca tudo e todas as coisas de volta no lugar que lhes é devido” (FLUSSER, 2007, p. 69).

Até o século XVII, não havia distinção entre Astrologia e Astronomia e os próprios astrônomos modernos Copérnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), praticavam a astrologia. Assim, e paradoxalmente, os homens do Renascimento não estabeleciam uma autêntica oposição, um século antes do seu divórcio, entre Astronomia e Astrologia. A Astrologia, a magia, a Astronomia, a medicina eram consideradas ciências empíricas” (MORIN, 1972, p. 21)

Porém, a partir do século XVII, a Astrologia e a Astronomia, até então irmãs, separam-se e, com isso, “a astrologia foi rechaçada como superstição, simultaneamente, pelo cristianismo e pelo racionalismo científico” (MORIN: 2008, p.12).

Mas, depois de permanecer nesse limbo por algum tempo, a Astrologia ressurgiu no século XX. Esse retorno da Astrologia coincide com sua presença cada vez mais forte na mídia. Para Lena Petrossian (1972, p.27) no início do século XX, na Europa, a Astrologia “sai dos cenáculos dos grupúsculos e da porta fechada dos consultórios, para estar presente na grande imprensa”. Com isso, surge uma Astrologia de massa e, com ela, o horóscopo, que alcança a grande imprensa. Desde então e cada vez mais, a Astrologia está fortemente presente na mídia. A grande maioria dos jornais, revistas e portais têm uma coluna astrológica.

Narrativas míticas e celestes

Os mitos são uma das muitas formas de compreensão da vida humana, já que ajudam a contar a história do homem e do mundo e estão presentes em todas as culturas. Para o biólogo Rupert Sheldrake (1995, p. 350), “mitos são histórias das origens” e explicam a “maneira como as coisas são como são”. São as primeiras narrativas e ajudam a chegar a uma compreensão das profundas forças que deram forma ao destino humano, forças essas que devem continuar a determinar tanto nossa vida privada, como nossa vida pública” (CAMPBELL, 2013, p. 252). Mitos são uma sabedoria de vida e suas informações “têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações” (CAMPBELL, 1992, P. 4).

Entre os mitos antigos, estão aqueles ligados ao cosmos, já que “o céu abrangente e infinito, impregnado de eternidade, foi a primeira catedral da

humanidade” (JUDGE, 2004, P. 14). Para os antigos, o céu tinha um significado religioso. Os mitos celestes, desde as sociedades mais antigas, ajudavam o homem a organizar seu lugar no mundo e relacionar as coisas entre si. “Essas sociedades modelaram sua organização de acordo com a ordem cósmica” e “seus calendários foram estabelecidos com base nos ciclos solares e lunares” (MORIN, 2008, P. 9).

Para Edgar Morin (2008, p. 14) “somos totalmente filhos do cosmo e o carregamos dentro do nosso ser sob a forma de macrocosmo” e por isso a “relação entre Céu e Terra era muito importante na cosmologia antiga” (SHELDRAKE, 2008, p. 25). Dentre as divindades celestes, estavam Sol e Lua, cujos ciclos sempre foram observados e percebidos nos ciclos da natureza.

O ciclo da Lua aparece como “a primeira medida do tempo”(DURAND, 2012, p. 285) e seu ciclo faz parte das primeiras narrativas humanas. Entre outras coisas, a Lua ensinou ao homem que a vida consiste em ciclos e eternos nascimentos e mortes. O ciclo do Sol pelo zodíaco e a existência de quatro estações bem definidas também levaram à ideia de eterno retorno, pois, quando o ciclo chega ao fim e outro igual se inicia, temos um ano novo. Esses mitos celestes continuam fazendo parte da vida humana de diversas maneiras, entre elas a Astrologia, que inclui esses mitos como uma das formas existentes para se compreender a vida.

A Astrologia inclui diversos ciclos e narrativas e é uma das muitas janelas possíveis para se olhar o mundo e contar sua história, ou seja, uma das muitas maneiras possíveis de contar a história da humanidade e a história de cada um de nós. Assim, pode ser também uma narrativa. Afinal, “o céu não é uma simples linha, mas também contém mitologias, histórias e narrativas” (BRADY, 2008).

Horóscopo, a principal narrativa midiática da Astrologia

Se a Astrologia está tão presente na mídia, sua principal narrativa midiática é o horóscopo. Nome que já foi usado para denominar o próprio mapa astrológico, horóscopo é o que hoje compreende as previsões astrológicas para um determinado período. Apesar de toda complexidade, a Astrologia é bastante conhecida pela sua narrativa mais resumida, o horóscopo, fortemente inserido na mídia.

Como aponta Claude Fischler (1972, p. 38) o horóscopo de imprensa “é coletivo, impessoal, e quase meteorológico”, de forma “generalizada, indiferenciada e impessoal”. Porém, por mais que seja superficial e genérico, o horóscopo conecta o homem com o céu presente em seu imaginário, além de ser a forma mais fácil de se ter acesso a uma narrativa astrológica e, por isso, horóscopos têm audiência. Apesar de existir há anos, o horóscopo quase não sofreu alteração desde sua origem, podendo ser considerado uma Astrologia de massa, sendo seu grande divulgador. Mas, apesar de divulgar a Astrologia, o horóscopo é também um “vilão”, pois gera preconceito por ser genérico e apenas um pequeno recorte, que reduz toda complexidade astrológica em poucos caracteres.

Segundo Norval Baitelo Jr., as diversas telas (cinema, televisão, computador, etc) “mostram o mundo sinteticamente, simplificam (porque recortam) o mundo dentro delas próprias” (2012, p. 52). No caso dos horóscopos, essa simplificação decorrente do recorte é evidente, já que reduz toda complexidade astrológica em doze partes iguais de duas ou três linhas cada uma, pretendendo, com isso, explicar o comportamento de toda uma sociedade. Com isso, estereotipam e generalizam o saber astrológico. Ou seja, se as “janelas têm uma função simplificadora” (BAITELLO Jr., 2012, p. 55), os horóscopos talvez sejam os responsáveis pela imagem distorcida do que é Astrologia, fazendo-a passar por algo fútil, superficial, simples demais. Baitello Jr., ainda falando sobre as janelas, diz que essas “simplificam o mundo”, reduzindo “nosso esforço de seleção e escolha”, pois “oferecem-nos um ponto de vista previamente recortado”.

É isso que acontece com o horóscopo que, se por um lado apresenta a Astrologia ao público, também dá margem às principais críticas que ela recebe, como por exemplo as feitas por Theodor Adorno e Roland Barthes. Ambos analisaram horóscopos² e teceram críticas à Astrologia. Ou seja, ambos tomaram uma pequena parte como o todo, criticando todo um saber a partir de uma pequena fresta, já que foram análises baseadas apenas no horóscopo e não na Astrologia em si. Analisaram e criticaram um recorte, uma fresta, uma pequena parte da Astrologia, a mais mostrada pela mídia, mas a menor de todas. Apesar disso, ambos teceram considerações críticas

² Theodor Adorno analisou o horóscopo do jornal *Los Angeles Times* e Roland Barthes analisou o horóscopo da Revista *Elle*, ambos na década de 1950.

à Astrologia como um todo, generalizando a partir do recorte, como se o que as janelas mostrassem fosse todo o conhecimento astrológico.

Por outro lado, autores como Paul Feyerabend e Edgar Morin, que também criticaram o horóscopo, apresentaram considerações sobre a inconsistência de argumentos de algumas das críticas feitas à Astrologia, bem como forneceram informações importantes sobre o nascimento e o desenvolvimento da Astrologia ao longo da história e das diversas civilizações.

Autores como Edgar Morin, Claude Fischler e Phillippe Defrance apresentam a diferença entre a Astrologia de massa, no caso, o horóscopo, e uma Astrologia mais complexa, incluindo em seus argumentos pressupostos e princípios da Astrologia, concluindo que a Astrologia moderna “não pode ser considerada uma moda superficial ou uma superstição de ignorância” (MORIN:1972, p. 215). Assim, fica claro que tais autores olharam o todo astrológico, ou seja, a Astrologia como um saber complexo, e não apenas para o horóscopo, sua fresta mais conhecida. Eles também criticam o horóscopo, mas diferenciando esta parte do todo.

Ou seja, esses diferentes olhares para a Astrologia levaram a diferentes percepções e reflexões, sendo claro que as principais críticas foram feitas ao horóscopo, essa forma recortada e resumida da Astrologia, uma pequena fresta que reduz toda a complexidade na narrativa astrológica.

Mas essa fresta tem atrativos, principalmente para a mídia, que acaba por usar o horóscopo como um negócio. Fato é que se “pensarmos na vida como uma metáfora da narrativa, vemos no desenrolar do dia a dia do jornal um possível novo capítulo da nossa história” (RAMOS, 2002, p. 24). Nesse novo capítulo está o horóscopo, presente nos principais grandes jornais do país e outros meios de comunicação. Essa presença, entre outros motivos, se dá pelo fato do horóscopo ter um “gancho narrativo, a promessa de um desenrolar da nossa vida” (RAMOS, 2002, p. 24) e, conforme Cristina Costa, citada por Daniela Ramos (2002, p. 24), “o gancho é um recurso narrativo valioso porque mobiliza forças profundas do ser ligadas à temporalidade, ao desejo e à angústia do homem diante da vida”.

Mas o gancho não é o único elemento identificado na leitura do horóscopo. Um deles, segundo Cristina Costa (apud Daniela Ramos,2002,p.24), é a “constância

da leitura diária, que leva à ritualização do hábito, facilitado pelo caráter seriado do Horóscopo”. Assim,

por meio dos signos temos as unidades comuns que ligam as séries, e assim os jornais tecem, dia a dia, ano a ano, capítulos do movimento diário dos astros, que seguem seu caminho inevitável pelas orbitas celestes, contando a histórias dos homens pela mediação dos astrólogos (RAMOS, 2002, p. 24).

Malena Contrera (2000, p. 31) também ressalta essa “pontuação rítmica que pode ser identificada no rito (que ritualiza o mito)” e, citando Mircea Eliade, lembra que o rito transforma caos em cosmos e que “por um ritual, é-lhe conferida uma ‘forma’ que o torna real” (2000, p. 32). Os textos astrológicos são capazes de criar esses ritos e são uma “forma de organização do espaço a partir do percurso cíclico do Sol (CONTRERA, 2000, p. 32), o que acontece especialmente no caso do horóscopo, que leva em consideração essa narrativa do Sol pelo zodíaco, trazendo dia após dia um novo capítulo, criando assim um ritmo que leva ao ritual de acompanhar continuamente esse céu que oferece prognósticos e conselhos.

Astrologia na Televisão e na Internet

Assim, a Astrologia, especialmente na forma de horóscopos, está presente nas diversas mídias. Raras vezes encontram-se conteúdos astrológicos mais profundos, especialmente nos jornais e no rádio.

Na televisão, já existiram programas dedicados exclusivamente à Astrologia, como o *Falando de Astrologia* e *No Astral*. Porém, os programas dedicados exclusivamente à Astrologia e que contém conteúdos mais profundos, em geral são exibidos em canais à cabo. Os astrólogos que já estiveram à frente desses programas perceberam alguma dificuldade em levar um tema tão complexo como a Astrologia para uma mídia de grande alcance, como a televisão, já que não são tantos os assuntos que permitem profundidade na mídia, além do fato do próprio público esperar algo mais simples, acessível e de fácil compreensão, o que gira basicamente em torno dos signos (pois em geral as pessoas sabem qual é o seu, mas desconhecem o restante do seu mapa astrológico) e temas cotidianos, como amor, saúde, trabalho, entre outros, e sua relação com os signos.

A Astrologia também sempre esteve presente na televisão em programas femininos. Um exemplo é o Programa *Mulheres*, exibido pela *TV Gazeta*, que há pelo menos quinze anos conta com a participação semanal de um(a) astrólogo(a) convidado(a), que apresenta as previsões astrológicas da semana, abordando cada um dos doze signos. O programa é diário e apresentado ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. A participação do astrólogo é sempre às segundas-feiras, sendo que a cada semana há variações no horário, dependendo da audiência e outros aspectos técnicos do programa. Vale frisar que o astrólogo fica de 20 a 40 minutos, ao vivo, no ar, porém o conteúdo limita-se ao horóscopo, já que o entendimento da produção é de que é o que de fato gera audiência.

E audiência é algo especialmente importante no caso da televisão, uma vez que é medida em tempo real e que, segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 38), exerce pressão e urgência. Alias, para Bourdieu (1996, p. 29), “a televisão não é muito propícia à expressão do pensamento”. Para ele, há um contraponto entre urgência e pensamento e, apoiando-se no pensamento de Platão, afirma que, “na urgência, não se pode pensar” e que, portanto, “há um elo entre o pensamento e o tempo”, o que no caso da televisão, se traduz num problema que “é a questão das relações entre o pensamento e a velocidade”.

Por conta dessa urgência e da velocidade impostas pela televisão, os “pensadores” acabam por apresentar “ideias feitas” que, para Bourdieu (1996, p. 40) são “ideias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns”. E, por serem ideias que, “quando as aceitamos, já estão aceitas” (BOURDIEU, 1996, p. 40), não há problema de recepção. Ou seja, “o problema está resolvido”, a “comunicação é instantânea” e, com isso, os “lugares-comuns” desempenham “um papel enorme na conversação cotidiana” (BOURDIEU, 1996, p. 40). Ou seja, “por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor”. Assim, na visão de Bourdieu (1996, p. 41), a televisão propõe “alimento cultural pré-digerido, pré-pensado” e se deixa de procurar “quem teria realmente alguma coisa a dizer”, em geral “desconhecidos”, privilegiando-se os “*habitués* da mídia”.

No caso da Astrologia, o “alimento cultural pré-digerido, pré-pensado” a que se refere Bourdieu é, sem dúvida, o horóscopo, informação clara, objetiva, superficial, que dispensa qualquer tipo de pensamento ou interpretação e é, também, o que há de

mais conhecido em termos de Astrologia no mundo. O horóscopo oferece audiência, o que interessa aos programas de televisão e, ainda, cria um público fiel que assiste com frequência, de forma ritualística, para acompanhar o desenvolvimento dessas informações astrais oferecidas de forma simples, dispensando qualquer tipo de pensamento ou interpretação mais profundos.

Além disso, o horóscopo cria a serialização, conteúdo que interessa à televisão. De acordo com Arlindo Machado (2000, p. 85) a serialização é a “principal forma de estruturação” dos “produtos audiovisuais”. Para Machado (2000, p. 86), na televisão a “serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra”. Na televisão há pouco espaço para pautas astrológicas que vão além do horóscopo.

Na internet, parte do conteúdo astrológico é muito semelhante ao das outras mídias. Ou seja, os principais portais têm horóscopo, assim como boa parte dos sites especializados em Astrologia, incluindo os sites pessoais dos astrólogos. Mas o diferencial é o fato de a internet permitir a publicação de outros conteúdos, mais profundos e complexos. Isso acontece especialmente porque “a internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, escala global” (CASTELLS, 2003, p. 8). Ou seja, a internet permite a comunicação direta entre o astrólogo e seu público, sem intermediários, o que faz com que cada astrólogo, assim como acontece com profissionais de outras áreas, possam escrever e publicar o que desejam, ampliando suas possibilidades. E, pelo menos em potencial, conseguem compartilhar esse conteúdo com grande número de pessoas.

Se o mundo da mídia está ao mesmo tempo se tornando global e individualizado (CASTELLS, 2003, p. 157), a Astrologia acaba se beneficiando disso, já que consegue simultaneamente se globalizar, ou seja, se divulgar para o mundo de forma mais ampla, em novos formatos e com conteúdos de naturezas diversas, e se individualizar, pois encontra seus nichos, seu público, e pode ser divulgada de forma mais personalizada, individualizada e profunda. De certo modo, parece que as pretensões atuais da Astrologia casam-se com as finalidades da internet, permitindo uma divulgação em ampla escala e a disseminação de suas diversas narrativas.

Se a televisão é ainda o modo predominante de comunicação, caracterizado como um meio de comunicação de massa (CASTELLS, 1999, p. 416), e por isso permite que a Astrologia, assim como qualquer outro tema, seja levado ao grande público, a internet transformou o mundo da mídia e da comunicação, sendo um “meio de comunicação interativo universal” (CASTELLS, 1999, p. 417), que permite o diálogo direto astrólogo-astrólogo, astrólogo-público, público-astrólogo.

É nesse sentido que parece ser a convergência de mídias o caminho para divulgação de qualquer conteúdo na atualidade, o que inclui a Astrologia e suas narrativas. Com as mudanças tecnológicas e midiáticas dos últimos tempos, passou a existir maior participação ativa dos consumidores (JENKINS, 2009, p. 29). Vale ressaltar que por convergência entende-se “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30).

Nesse sentido, “a expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação” (JENKINS, 2009, p. 30). Ou seja, não se fala mais em produtores e consumidores de mídia como papéis distintos, mas sim em participantes que interagem. Por isso, de acordo com Henry Jenkins, “a convergência não ocorre por meio de aparelhos” (2009, p. 30), mas sim “dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (2009, p. 30). Para Jenkins, cada um constrói sua própria mitologia pessoal, a partir de fragmentos de informações extraídas da mídia e, como há mais informação hoje do que pode ser consumido, incentivam-se as conversas sobre as mídias e seus conteúdos. Isso acaba sendo positivo para assuntos até então não muito difundidos, como é o caso da Astrologia, que passa a ser consumido de formas diversas nas diferentes formas de mídia e expressão.

Essa multiplicidade midiática e especialmente a internet e as redes sociais permitiram um retorno da Astrologia em termos de comunicação expandida e esse passou a ser um assunto cada vez mais presente em todas as mídias, em diversos formatos, que continuam sendo criados. A internet e, como compreende Dimas Künsch, principalmente

as redes sociais alavancam esperanças de participação que uma antiga *ágora* grega evoca, ela também expressão, não puramente racional, de sentidos que, neste mundo em que ‘tudo é misturado’ (Guimarães Rosa), constituem a alma dinamizadora

Astrologia e (re) conexão com o cosmos, por meio dos meios de comunicação

Assim, esses meios, de certa forma encantados, também permitem o retorno do mágico, do lúdico, do mitológico e do celeste, conforme será visto a seguir. Isso porque as redes sociais também têm uma espécie de aura mágica, a sensação de infinito e a possibilidade de incontáveis conexões, por isso sendo conhecida também como galáxia. Talvez por ressonância, as redes sociais sejam o local mais apropriado para que a Astrologia seja compreendida em toda a sua complexidade e para que possamos (re)lembrar que o universo, finito ou não, possa “ser fonte de inspiração para que nós, os filhos do céu, realizemos infinitas conversas” (CASSÉ, 2008, p. 126). Afinal, “o universo é verbo”, e nós “permanecemos no mundo, por mais longe que a viagem nos conduza para dentro e para fora dele” (CASSÉ, 2008, p. 126).

O importante, de fato, é saber que, se a Astrologia recupera um certo encantamento no mundo, a mídia torna isso ainda mais possível, pois transmite essa forma de compreensão da vida humana para o mundo. Assim, a forma como a Astrologia muitas vezes se expressa na mídia pode gerar preconceitos com relação à sua imagem, já que privilegia suas narrativas mais resumidas e superficiais. Apesar disso, a relação entre Astrologia e mídia pode ser um encontro bem sucedido, pois se por um lado a Astrologia oferece conteúdo capaz de atrair audiência, por outro pode oferecer à Astrologia um canal para que a linguagem do cosmos agregue novamente ao homem, reconciliando o ser humano com o céu, conforme viviam nossos antepassados.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *As estrelas descem à Terra: a coluna da Astrologia do Los Angeles Times – um estudo sobre superstição secundária*. São Paulo: Unesp, 2007.
- BAITELLO JR., Norval. *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012.
- BORDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BRADY, Bernadette. *Star and Planet Combinations*. England: The Wessex Astrologer, 2008.
- CAMPBELL, Joseph (entrevista com Bill Moyers). *O poder do mito*. São Paulo: Associação Palas Atenas, 1992.
- _____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2013.

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CONTRERA, Malena Segura. *O mito na mídia*. São Paulo: Annablume, 2000.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- FISHLER, CLAUDE. *A Astrologia de massa*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 29-66.
- FEYERABEND, Paul. El caso de la astrología. In: *Por qué no Platón?* Madrid: Tecnos, 2009.
- FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUDGE, Michael. *The Dance of Time: The origins of the calendar*. New York: Arcade Publishing, 2004.
- KÜNSCH, Dimas A. *Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação*. *Líbero* 12, n. 24, dez 2009a.
- _____. Teoria compreensiva da comunicação. In: _____. & BARROS, Laan Mendes de. *Comunicação: saber, arte ou ciência*. São Paulo: Plêiade, 2008.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- MORIN, Edgar; DEFRANCE, Philippe; FISHLER, Claude; PETROSSIAN, Lena. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972.
- MORIN, Edgar; CASSÉ, Michel. *Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PETROSSIAN, Lena. *Do nascimento ao renascimento da Astrologia*. In: MORIN, Edgar; et ali. *O retorno dos astrólogos*. Lisboa: Moraes, 1972, p. 15-27.
- RAMOS, Daniela Osvald. *Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica*. Dissertação de Mestrado. ECA/USP, 2002.
- SHELDRAKE, Rupert. *A ressonância mrfica & a presença do passado: os hábitos da natureza*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- SHELDRAKE, Rupert; FOX, Matthew. *A física dos anjos: uma visão científica e filosófica dos seres celestiais*. São Paulo: Aleph, 2008.